



JEL UERJ
Jornadas de Estudos da Linguagem
02 a 04 de DEZEMBRO de 2010



A Formação de Professores de Alemão como Língua Estrangeira: Autonomia, Motivação, Currículo

Roberta Cristina Sol Fernandes Stanke,

Universidade do Estado do Rio de Janeiro e
Goethe-Institut Rio de Janeiro

roberta_stanke@yahoo.de

Área/linha teórica do trabalho: Linguística Aplicada / Formação de professores

Tipo de apresentação: comunicação

Palavras-chave: ensino de alemão, formação de professores, currículo, educação, língua estrangeira

Resumo:

O objeto de pesquisa abordado nesta apresentação é a formação do professor de alemão como língua estrangeira. Neste trabalho, parte de minha pesquisa de doutoramento na área de Linguística Aplicada, trato dos aspectos curriculares do curso de formação de professores de alemão como língua estrangeira em duas instituições públicas de ensino superior do Rio de Janeiro, tendo como foco a questão da autonomia e da motivação.

Na literatura da área de ensino de língua estrangeira, autonomia e motivação são temas centrais. A definição de ambos os termos é, entretanto, descrita por diversos estudiosos da área com complexa.

Para Holec (1981, p.3), “aprendizagem autônoma significa, que os aprendizes compreendem o objetivo do seu programa de aprendizagem e que estão prontos para tomar para si a responsabilidade pelo processo de aprendizagem”. Aprendizes autônomos tomam as decisões centrais sobre a sua aprendizagem, ou seja, “iniciam a sua aprendizagem, guiam-na, organizam-na e a avaliam. Isso pressupõe um conjunto de autodisciplina e força de vontade” (BIMMEL & RAMPILLON, 2000, p. 33). Por essa razão, Bimmel & Rampillon (2000, p. 19-21) afirmam que a autonomia do aprendiz está relacionada não só à organização da aprendizagem e à auto-avaliação, mas também à própria motivação.

A maioria das definições apresentadas por estudiosos da área tem em comum o fato de se dar mais espaço de decisão aos aprendizes e colocar o processo de aprendizagem em suas mãos. E colocar o processo nas mãos dos aprendizes significa orientá-los e lhes dar recurso para isso. Isso quer dizer, então, que se trata de um assunto que precisa ser contemplado nos cursos de formação de professores.

De acordo com Kleppin (2001, p. 219), há um “nevoeiro” em torno do conceito de motivação. Kirchner (2004, p. 1) aponta que, no uso corriqueiro, o conceito de autonomia é frequentemente empregado como forma equivalente a motivo, ou seja, chama-se de motivação “o conjunto de razões (de motivos), que move alguém para uma decisão ou ação”.

De acordo com Kirchner (2004, p. 3), a motivação não é algo estático, mas sim um processo dinâmico.

Kleppin (2001, p. 219-223) aponta algumas concepções de motivação que influenciam teorias do ensino e da aprendizagem e afirma que, a partir de reflexões em torno dessas concepções, podem surgir diretrizes para o ensino de língua estrangeira. Dessa forma, a motivação é também um aspecto que deve ser abordado nos cursos de formação de professores, não só de língua estrangeira.

De acordo com Kleppin (2001), a motivação é um termo que, na literatura específica da área de ensino/aprendizagem de língua estrangeira, tem sido feita responsável por muitos aspectos: “ela influenciaria a escolha para se aprender determinada língua estrangeira, o processo de aprendizagem, o comportamento durante e depois da aula, o sucesso na aprendizagem, o uso de estratégias de aprendizagem apropriadas ou também a manutenção do desempenho”. Kirchner (2004) também lista uma série de fatores internos e externos que influenciam a motivação.

A partir das reflexões teóricas apresentadas, questionários foram aplicados a estudantes de duas instituições públicas de ensino superior do Rio de Janeiro com objetivo de (1) conhecer os motivos dos estudantes dos cursos de graduação em Letras / Português-Alemão para estudarem essa língua estrangeira, e *se e como* seus motivos mudaram desde o princípio da aprendizagem; (2) verificar o grau de autonomia desses aprendizes e (3) a sua avaliação sobre o currículo do seu curso.

Os resultados apontam que muitos destes estudantes não são aprendizes autônomos, ou apresentam apenas alguns traços de autonomia, estão insatisfeitos com algumas disciplinas da grade curricular de seu curso e sua respectiva carga horária, mas que sua motivação aumentou desde o início de seu curso.

Referências:

BIMMEL, Peter. & RAMPILLON, Ute. *Lernerautonomie und Lernstrategien*. Fernstudieneinheit 23. Berlin, München, Wien, Zürich, New York: Langenscheidt, 2000.

HOLEC, H. *Autonomy in foreign language learning*. Oxford: Pergamon, 1981.

KIRCHNER, Katharina. Motivation beim Fremdspracherwerb: Eine qualitative Pilotstudie zur Motivation schwedischer Deutschlerner. In: *Zeitschrift für Interkulturellen Fremdsprachenunterricht* [Online], 9(2), 32 p., 2004. Disponível em <http://www.ualberta.ca/~german/ejournal/Kirchner2.htm>. Acesso em 20.03.2009

KLEPPIN, Karin. Motivation. Nur ein Mythos? (I). In: *Deutsch als Fremdsprache* 38, 4, p. 219-225, 2001.